

06-09-2024

## CONTRADIÇÕES NO CORAÇÃO DO MATO GROSSO

Aline de Fátima Marques

[Doutoranda UFJ (Universidade Federal de Jataí) – Grupo Dona Alzira]

Há algum tempo viajei pelo Mato Grosso. Após terminar a graduação de geografia, me aventurei por todo o Estado, trabalhando com música. Esse foi o período em que comecei a viajar pelo Brasil. Entre a música e a geografia tive a oportunidade de conhecer um *Brasil profundo*. Como disse o autor Itamar Vieira Júnior, em entrevista na TV Cultura, sobre sua obra *Torto Arado*, o *Brasil profundo* não é o lugar exaltado que passa na TV, mas o das pessoas que ainda são invisibilizadas – e privadas de democracia. Pessoas do campo e da cidade, principalmente do campo, onde se mesclam a tecnologia do agro e a pobreza atávica. O desejo de viver de arte me influenciou por alguns anos. Porém, o olhar crítico e geográfico, que se expandia durante as viagens, sobre as paisagens, pessoas e seus modos de vida, me ganhou. Ao passar por Sinop, Sorriso e Lucas do Rio Verde foi que me impressionei com o contraste do agro com a fome. Lucas do Rio Verde-MT é um território de contrastes. Nele o agronegócio desponta com uma força imensa, desmantelando as paisagens naturais com suas plantações de soja, milho e algodão que se estendem até onde a vista alcança. Maquinários imensos, quase monstruosos, cortam os campos, movendo a terra como se fossem os senhores incontestáveis do destino. As safras crescem com a promessa de alimentar o mundo, enquanto as *commodities* fluem para mercados distantes, impulsionando uma economia que se orgulha de sua eficiência e eficácia. Percebi o paradoxo cruel: riqueza de um lado, fome e devastação de outro. Há colheitas abundantes, mas os trabalhadores efetivam a sua labuta sob condições insalubres. É contraditório que em uma terra vasta e fértil haja escassez de alimentos para os que trabalham de sol a sol, em péssimas condições de trabalho e nas mesmas fazendas que exportam milhões de toneladas. O fato é que o agronegócio, com toda a sua potência, é também um sistema excludente. A monocultura se expande, mas a diversidade alimentar se reduz. As terras são vastas, mas as hortas que produzem o alimento do dia a dia são escassas. Quem controla a terra controla também o que nela se planta, e o que se planta não é necessariamente o que alimenta a população local. O ciclo é perverso: a produção cresce, mas os camponeses, guardiões da segurança alimentar, são empurrados para as margens, sem espaço, sem voz e sem perspectivas. O contraste entre o agro e a fome é uma expressão das desigualdades que marcam o Brasil rural, ou o *Brasil profundo*. O mesmo sistema denunciado pelo escritor goiano Bernardo Élis, no conto *A Enxada*, em que Piano, personagem central da trama, é um trabalhador rural explorado até à morte, sem as condições mínimas de trabalho. Essas desigualdades se estendem por todo o Brasil rico do agronegócio.

Porém, Lucas do Rio Verde-MT é apenas um microcosmo dessas contradições, num lugar onde o progresso do agronegócio convive lado a lado com a insegurança alimentar. E é aqui que a geografia agrária precisa se debruçar superando números e estatísticas do sucesso do agro. Aliás, isso que se denomina sucesso do agronegócio, reflete-se no impacto gerado nas comunidades, na falta de acesso à terra, à água e, acima de tudo, à comida saudável sem agrotóxico. O mundo rico das *commodities* gera uma terra empobrecida, arrasada, assim como rios e estômagos de trabalhadores. Foi também em Lucas do Rio Verde-MT que tive uma experiência impactante. Conheci um morador de rua chamado Ancelmo. Ao passar pela Praça dos Bandeirantes, cumprimentei-o. Fazia muito calor, a temperatura estava elevada, então, perguntei-lhe se estava com sede e se queria uma garrafa d'água. Ancelmo agradeceu e prosseguiu o diálogo com olhar horizontal. Contou-me sua história. Disse que veio do Paraná, era rico e dono de plantações de soja. Mas havia perdido um filho, quando este era ainda criança. O seu filho foi tragado num acidente em um passeio num trator. Disse que enlouqueceu com esse acontecimento e abandonou tudo. Não queria saber de nada. Foi então que percebi que a produção de soja lhe custou muito caro. Enquanto no território do agronegócio as contradições se instalam na carne, a riqueza e a pobreza se entrelaçam e revelam a sua trama frágil e desigual. A prefeitura de Lucas do Rio Verde é um exemplo disso, quando afirma que a cidade ocupa o primeiro lugar em desenvolvimento econômico, mas, em contrapartida, em 2022, foi observada a pior situação de extrema pobreza em relação ao estado do Mato Grosso. Enquanto as cifras da produção de soja impressionam e enchem os olhos e as contas bancárias de alguns, as perdas se escondem nas sombras, nas esquinas das vilas onde as crianças crescem sem conhecer o sabor do que é plantado nos campos que seus pais trabalham. Perde-se a dignidade de quem deveria poder alimentar seus filhos com o fruto de seu próprio suor. Perde-se a conexão com a terra. E é nesse ponto que o agro, tão celebrado, revela sua face mais dura: a da indiferença. ....

**Daquela antiga viagem, voltei com indignação ao ver os trabalhadores do campo forçados a beber a água contaminada com veneno. Me indignei em ver corpos adoecidos; o Cerrado ferido e brutalmente assassinado pelos imperadores da soja, que transformam a terra em moeda, cortando a vida sem hesitar. Para esses milionários, o Cerrado é apenas um campo amorfo à espera de ser transformado em moeda.**

■ ■ ■

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*